A entrevista da semana

O maestro Francisco de Lacerda fala-nos das questões de ordem artistica que o preocupam actualmente

O maestro Francisco de Lacerda, que o publico de Lisboa, ainda ha pouco, em tres belos concertos sinfonicos, teve ocasião de aplaudir, vai fálar aos leitores desta *Revista*, onde a musica tem cabimento como qualquer outra das Belas-Artes, do que pensa do ensino musical no nosso paiz e do que seria interessante e util realisar, em prol duma solida revivescencia artistica, absolutamente, caracterisadamente nacional.

— Alem de *Pro-Arte* — a associação de artistas portugueses — fundada recentemente por si — e da *Filarmonia de Lisboa* a sua excelente orquestra, — que outras questões, de ordem artistica, o preocupam?

Francisco Lacerda responde numa voz firme de quem ha muito tem um plano traçado:

— Colaborar na organisação do ensino da musica e do canto nas escolas do País; recolher e fixar, com inteligencia e método, o rico *folklore* nacional; inventariar e publicar uma seleção das obras dos nossos notaveis compositores dos seculos XVI, XVII e XVIII.

— O que pensa do ensino da musica nas escolas?

— Penso que, ou se deve dar a este importante ramo da educação moderna a orientação, desenvolvimento e importancia que elle merece e deve ter, ou riscar de vez, dos programmas dos nossos liceus, a imperfeita concessão que alli se faz á musica. Tenho a impressão de que isso está sendo pessimamente feito e em detestaveis condições, na maior parte das escolas. O alumno, em geral, submete-se

a esse estudo, imperfeitamente ministrado, com a repugnancia e tedio que habitualmente tem pelas coisas obrigatorias e massadoras; toma horror á musica e a quem a ensina. Ora, é justamente o cohtrario o que se pretende obter:— acordar na creança as suas faculdades artistico-musicaes; despertar-lhe a curiosidade, a atenção e o interesse; fazer-lhe entrever, comprehender e respeitar as belezas da Arte...

— E acerca do canto coral?

— O ensino da *musica* e do *canto* nas escolas é uma questão muito mais ampla, muito mais complexa do que á primeira vista se imagina.

— Então?

— Começar, logicamente, pelo principio:— educar primeiramente os professores; escolher e adoptar livros; fiscalisar o ensino, etc.

— Educar os professores?

— Sim. Facultar-lhes os meios de se habilitarem; exigir-lhes, por meio de exames ou concursos, sérias provas de merito e competencia; nomeal-os definitivamente, crear-lhes, moral e materialmente, uma situação digna e respeitavel.

— E sobre o *folklore*?

— O *folklore* é uma velha mania minha. O «Diario dos Açores» — um excelente jornal de Ponta Delgada — publicou, em tempo, um resumo do que eu penso a tal respeito. Olhe, o *Essai d'une bibliographie de la chanson populaire en Europe* de P. Aubry (1906), cita apenas uma publicação portugueza, com a menção de mediocre... Ora, se eu consegui, lá fóra, augmentar o numero das citações, não pude, infelizmente, modificar a severidade da classificação... Foi nomeada uma comissão para estudar o plano e realizar a colheita do *folklore* poetico e musical no nosso paiz. Aguardo, com a maior confiança, os seus estudos e trabalhos. Essa comissão, a que indignamente pertenço é, pela competencia de algumas das illustres personalidades que a compõem, uma segura garantia da seriedade e do valor dos trabalhos que d'ella se esperam.

— E como pensa recolher a parte musical, a mais dificil, a mais subtil, do *folklore*?

— A comissão decidirá..., Todavia, julgo que todos estarão de accordo em que o phonographo pode ser, hoje, para esse fim, um excellente e infalivel auxiliar.

— O que pensa sobre a obra artistica dos nossos velhos compositores?

— O que deve pensar todo o musico portuguez que não ignore a importancia e o desenvolvimento que teve a musica entre nós. Quem não conhece e não lamenta a perda das prodigiosas riquezas acumuladas na sumptuosa Bibliotheca Musical do Rei D. João IV?... Em tempo — ha mais de 20 anos! — propuz, de Paris, que se subsidiasse um musicographo (alli conheci um, competentissimo, que a isso se prestava da melhor vontade) para vir, auxiliado por gente nossa, catalogar, classificar, etc., os impressos e manuscritos que ainda se encontravam nas nossas bibliothecas e archivos... Não fui, infelizmente, ouvido. A publicação, bem ordenada, de uma *Anthologia dos compositores portuguezes dos seculos 16.º e 17.º* será, um dia, uma magnifica revelação, não só para o Portugal ignorante e indiferente, mas para todo o mundo da Arte!

— A sua opinião sobre o nosso Conservatorio?

— Mal o conheço... Não tenho assistido a exames nem a exercicios collectivos de alumnos; apenas conheço trez ou quatro dos professores actuaes; ignoro os programmas dos cursos, os seus regulamentos, a sua organização... Pelo que me dizem, creio que ainda está muito ionge de ser perfeito. O mesmo acontece lá por tóra; não ha Conservatorios modelos. A unica escola de musica que me satisfez, — porque n'ella se ministra, de uma maneira racional, com unidade e logica, um ensino completo, — é a *Scola Cantorum* de Paris, a minha escola!

— A seu ver quaes são as disciplinas essenciaes e qual seria, nas suas linhas mais geraes, o impulso a dar n'um Conservatorio?

—E' assumpto que daria um livro. N'um Conservatorio, n'uma escola de musica, não ha, por assim dizer, disciplinas isoladas. Todas ellas se devem orientar, mais ou menos, pelo mesmo espirito e para o mesmo fim...

— Que é?...

— Crear e educar *musicos*. Ora, é evidente que, o que

chama disciplinas essenciaes deveríam ser as de harmcnia e contraponto, composição e orchestração, historia, musica de camera, orgão, orchestra, canto coral...

— E o piano?!...

— O piano é um util e generoso instrumento; pode até ser bello, quando bem tocado, — mas eu acho que se tem exagerado um pouco a sua pratica entre nós...

— Em resumo, entendo que, se comparar o numero de pianistas e outros instrumentistas, com o numero de compositores... facilmente se convencerá da justeza da minha observação; quer dizer: mais *musica* e menos *virtuosismo*.

— Aprova o pensionato no estrangeiro?

— Acho-o excellente; fui eu que o obtive, mediante concurso, para os alumnos do Conservatorio; e fui eu, que já, então, ali era professor, o primeiro musico pensionado pelo Estado. Os pensionistas adquirem lá fóra uma disciplina mental que não se alcança no nosso meio. Tomam a responsabilidade de si proprios. Fornecem o maximo do seu esforço.

— O que entende por *classe* de orchestra?

— Entendo a organisação e a função de duas aulas separadas, distinctas, mas que estreitamente se ligam e completam. A primeira, destinada a formar executantes; a segunda a formar chefes de orchestra. A primeira frequentada, obrigatoriamente, por *todos* os alumnos das aulas de instrumentos (e mesmo, talvez, facultada a externos); a segunda, destinada apenas aos alumnos de composição, de entre os quaes, necessariamente, alguem se revelará, se manifestará algum dia...

— Como educar um chefe de orchestra?

— E' tão vásto, tão complexo!... Olhe, sabe muito bem que, além dos dotes chamados *naturaes*: bons olhos, optimos ouvidos, energia, memoria, attitude, etc., ha uma infinidade de coisas — de coisas sérias e indispensaveis — que se não adivinham. Tudo se aprende, mesmo a ter vontade. O principal é ter talento, dirá — e não se ensina a ter talento.

— Sim, tem razão; mas o talento sem apoio no trabalho e na experiencia, de pouco serve. Educar um chefe de

orchestra é conduzir e elevar um musico desde a simples leitura de uma inerte partitura até ao nivel do proprio compositor: é proporcionar-lhe a dificil e rara capacidade tecnica e intelectual de ser um interprete *consciente*... E... se tiver talento, muito talento... tanto melhor.

Eis o que nos disse Francisco de Lacerda, homem activo, inteligente, emprehendedor, alma de artista a valer, amando a musica sobre todas as coisas...

Alves Martins.

Aos assinantes da "Revista Portuguesa"

A benevolencia com que esta revista tem sido recebida pelas pessoas a quem a temos enviado, dá-nos a garantia de que o pedido que seguidamente vamos fazer aos nossos presados assignantes será satisfeito sem reluctancia.

A "REVISTA PORTUGUESA" nem está enfeudada a nenhum dos potentados financeiros do paiz nem quer, a troco de qualquer compensação material, dar relevo, nas suas paginas, a qualquer dos magnates politicos portugueses desejosos de fazer crescer a sua artificial popularidade.

A "REVISTA PORTUGUESA" mantem-se e manter-se-ha, exclusivamente, com os recursos provenientes da cobrança das suas assi-